

JOAQUIM PAIVA EXPÕE IMAGENS QUE REGISTROU NO NÚCLEO BANDEIRANTE NOS ANOS 70



O Núcleo Bandeirante, antigamente conhecido como Cidade Livre, é tema das 38 fotografias feitas por Joaquim Paiva que estarão expostas a partir de quinta-feira na mostra Brasília — de 0 aos 40 anos, no Palácio do Itamaraty

PASSADO COLORIDO

Nahima Maciel
Da equipe do **Correio**

O PLANO PILOTO DOS ANOS 70 TINHA FORMAS LIMPAS E CORES BEM DOSADAS. A TERRA VERMELHA ERA O ÚNICO TOM FORTE AO LADO DO BRANCO E DO CINZA IMPRESSOS NO CONCRETO. NO NÚCLEO BANDEIRANTE, ANTI-GA CIDADE LIVRE, O CENÁRIO ERA OUTRO. CONFUSO, COM RUAS DE TERRA E LETREIROS DE MADEIRA EM CASAS E COMÉRCIOS, DAVA A IMPRESSÃO DE VERDADEIRO FAROESTE.

Mas era nas cores que a cidade se destacava. O vermelho migrou da terra para as paredes de madeira dos barracos e o azul forte das mesmas paredes combinava com o céu. Nessa vivacidade, o diplomata Joaquim Paiva encontrou o conforto de quem vinha do Rio de Janeiro. Não que a Cidade Livre lembrasse a capital fluminense. Mas a alegria das cores quebrava o incômodo da frieza

za reta do Plano Piloto.

E Joaquim Paiva precisou registrar. Fez bem. Trinta anos depois, do colorido só restaram mesmo as fotografias. E olhe lá. Envelhecidas, carregam a melancolia do fotógrafo ao lembrar de imagens perdidas no tempo. A confusão de placas e letreiros do Núcleo Bandeirante continua, mas as cores quentes deram lugar ao branco das casas e dos prédios de alvenaria. "Nada daquilo existe mais, mas isso é natural, as pessoas viam os barracos de madeira como algo provisório, as casas de alvenaria eram um desejo natural", constata, lembrando que o trabalho foi feito com aparelhos simples com lentes normais, de 35 mm. "Talvez se na época já houvesse a consciência de conservação do patrimônio urbano como uma forma de identidade...", romantiza.

Trinta e oito das 78 fotografias feitas por Joaquim Paiva no Núcleo Bandeirante estarão a partir de quinta-feira na mostra *Brasília — de 0 aos 40 anos*, no Palácio do Itamaraty. As imagens vêm acompanhadas de trabalhos de outros dois fotógrafos, ambos norte-americanos, que visitaram a capital no ano passado e deixaram no papel brilhante suas impressões visuais. Todd Eberle e Robert Polidori tiveram ensaios apresentados na Robert Miller Gallery, ano passado em Nova York. Agora, as imagens voltam à origem para serem expostas ao lado dos registros de Joaquim Paiva. A intenção

Fotos: Joaquim Paiva/Divulgação



é mostrar duas épocas e duas visões da maior experiência arquitetônica moderna do planeta.

Mas Joaquim Paiva, 54 anos, nada tem de fotógrafo profissional. Diplomata, funcionário do Itamaraty, passou em Brasília

mais de 15 anos, entre idas e vindas próprias da carreira. Na mesma década de 70 em que conheceu a capital federal, descobriu também a fotografia brasileira nas imagens publicadas em jornais e revistas. E decidiu investi-

gar e observar a estética dos trabalhos. "Eu estava certo de que havia uma produção fotográfica muito grande no Brasil, sobretudo porque o que a gente via era o que aparecia nos jornais, a foto-reportagem", conta. Nomes como Miguel Rio Branco, Milton Guran, Luis Humberto e Walter Firmo iam aos poucos construindo a história do fotojornalismo brasileiro.

Joaquim Paiva adquiriu imagens de seu tempo até reunir mais de 1.900 exemplares. A montanha de registros acumulados nos últimos 30 anos concentra boa parte da história da fotografia moderna no Brasil. Entre preciosidades, estão as séries de Sebastião Salgado sobre o homem latino-americano, realizada nos anos 80, e de Mário Cravo Neto, com temática recorrente do negro baiano.

Joaquim Paiva não se limitou a resgatar apenas fotografias documentais, conseguiu acompanhar a apropriação dessa linguagem pelos artistas plásticos. "Sabia que havia muita coisa sendo produzida além do fotojornalismo, não só fotografias comprometidas com a realidade, com a ideologia e questões sociais, mas também coisas que os fotógrafos faziam para expressar sua própria realidade", lembra. Trabalhos que privilegiam a estética ao invés do testemunho também integram a coleção do diplomata. Esse segmento, aliás, motivou exposição no Museu de Arte de La Paz, Bolí-

via, há menos de um ano.

Na mostra realizada na Bolívia, 45 imagens representaram o uso da fotografia nas artes plásticas brasileiras em trabalhos de Rosângela Rennó, Eustáquio Neves e Fernando Lázlo, entre outros. Joaquim Paiva acredita numa arte contemporânea comprometida com uma verdade que não é aquela da realidade, mas dos anseios pessoais do próprio artista. "Hoje você tem três vertentes: o fotógrafo, o fotógrafo artista e o artista fotógrafo", explica.

Mas confessa não se encaixar em nenhuma delas. Conselheiro da Embaixada do Brasil em Lima (Peru), Joaquim Paiva continua a manejar suas câmeras e a registrar cenas. As composições das imagens têm a mesma carga cênica das realizadas na então Cidade Livre. Muitos rostos, alguns autorretratos e pouca arquitetura são as temáticas do que considera "fotos inúteis". "Não tenho uma preocupação em falar da questão social, brinco muito com as imagens", avisa. E por que é inútil? "Porque é aquela foto que você pergunta para que serve".

SERVIÇO

BRASÍLIA — DE 0 A 40 ANOS
Exposição de 80 fotografias coloridas de Joaquim Paiva, Todd Eberle e Robert Polidori. Abertura dia 4 de maio, às 19h, no Palácio do Itamaraty (Esplanada dos Ministérios). Visitação até o dia 24 de maio, das 9h às 22h (segunda a sexta) e 10h às 16h (sábados e domingos). Entrada franca.